

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

FRANCIELE DE JESUS SANTOS

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: desafios e perspectivas em tempos de
pandemia**

**Aracaju – SE
2022.2**

FRANCIELE DE JESUS SANTOS

**Artigo científico apresentado à
Faculdade Amadeus, como requisito
final para obtenção do Grau de
Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Prof. MsC Carla Daniela
Kohn**

**Aracaju – SE
2022.2**

Biblioteca FAMA

Santos, Franciele de Jesus
S237e Educação de jovens e adultos : desafios e perspectivas em tempos de pandemia / Franciele de Jesus Santos ; orientação [de] Prof.^a MsC. Carla Daniela Kohn. – Aracaju : FAMA, 2022.

19 f.

Artigo científico apresentado como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia – Faculdade Amadeus

Inclui bibliografia.

1. Desafios e perspectivas. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Pandemia. I. Kohn, Carla Daniela (orient.). II. Faculdade FAMA. III. Título.

CDU: 374.3/.7

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: desafios e perspectivas em tempos de pandemia

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.



Coordenador do Curso Msc. Williams dos Santos



Orientadora Msc. Carla Daniela Kohn



Avaliadora Dr^a Áurea Machado de Aragão



Avaliadora Dr^a Tâmara Regina Reis Sales

Avaliação Final: 8,5 (oito e meio)

Aprovada em: Aracaju _09/11/2022

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: desafios e perspectivas em tempos de pandemia

*Franciele de Jesus Santos¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como objetivo analisar a importância e as dificuldades enfrentadas pelos alunos e docentes da EJA, inclusive em tempos de pandemia, bem como as contribuições de Paulo Freire que se aprofundou nessa modalidade. A metodologia utilizada nesse estudo foi de abordagem qualitativa composta de pesquisa bibliográfica e estudo de caso em uma escola da rede estadual do município de Itaporanga D'Ajuda/SE, onde foram entrevistados três professores e três alunos da modalidade EJA. Dentro desse contexto, questionou-se: qual a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seus percalços durante a pandemia. Os resultados encontrados foram as dificuldades de ministrar essa modalidade devido a seus desafios e a força de vontade dos alunos em busca de oportunidade no mercado de trabalho e melhor oportunidade e qualidade de vida, além de ser inserido na sociedade.

Palavras-chave: Desafios e Perspectivas. Educação de Jovens e Adultos. Pandemia.

ABSTRACT

The present work has as its object Youth and Adult Education (EJA), focusing on analyzing the importance and difficulties faced by EJA students and teachers, including in times of pandemic, as well as the contributions of Paulo Freire who delved into this modality. The methodology used in this study was a qualitative approach composed of bibliographic research and a case study in a state school in the municipality of Itaporanga D'Ajuda/SE, where three teachers and three students of the EJA modality were interviewed. Within this context, a case study on EJA was questioned, and its mishaps in times of pandemic and as a general objective to analyze the importance and difficulties encountered by students in EJA, as well as Paulo Freire's contributions to this teaching modality. The results found were the difficulties of teaching this modality due to its challenges and the willpower of students in search of opportunity in the job market and better opportunity and quality of life, in addition to being inserted in society.

Palavras-chave: Challenges and perspectives. Youth and Adult Education. Pandemic.

¹graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus- e-mail: francielejs2001@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em tempos de pandemia, pretende analisar a importância e as dificuldades encontradas pelos alunos na EJA.

Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), assegurada pela Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) 9.394/96 parágrafo segundo do art. 37 afirma que cabe ao governo incentivar a população a essa modalidade de ensino, proporcionando qualidade de funcionamento para que sejam concretizados seus objetivos, que são os de inclusão social e melhoria da qualidade de vida para seus estudantes. (BRASIL, 1996).

Os docentes que se comprometem com a Educação de Jovens e Adultos, têm que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público-alvo a não abandonar os estudos, ou seja, o professor é o estimulador, o mediador de seus alunos. Portanto devem ter comprometimento com o processo de ensino e aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos cada vez mais articulados à realidade dos alunos com os quais estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do aluno.

Justifica-se a escolha dessa temática no sentido de mostrar sua importância e sensibilizar os que ainda têm preconceito com essa modalidade, ajudando esses alunos a serem inseridos na sociedade. Dentro desse contexto questionou-se: Qual a importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seus percalços durante a pandemia?

A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa composta por pesquisa bibliográfica apoiada em autores como Freire (2005) e Jardimino (2014), dentre outros, seguida de um estudo de caso desenvolvido em uma escola da rede estadual do município de Itaporanga D'ajuda- SE onde foram entrevistados três professores e três alunos de EJA.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A EJA e sua história

No século XX, o Brasil e sua sociedade passaram por diversos problemas político, social, cultural e econômico que influenciaram na Educação de Jovens e Adultos, que teve como destaque Paulo Freire e sua metodologia libertadora, que para muitos não era bem-vista. Jardimino (2014, p. 164), sobre os sujeitos da EJA, afirma que “muitos desses alunos tiveram de romper barreiras erguidas pela família, pelo preconceito e pela exclusão, transpostas em razão de um grande desejo de aprender”.

O método de Paulo Freire caracterizado na perspectiva Libertadora, buscava se aprofundar nos conhecimentos prévios dos alunos e suas experiências de vida, a fim de torná-los indivíduos críticos.

Para Freire (2005) a situação de opressão e do trabalho faz com que os jovens tenham seu direito à educação negado.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2005, p. 20).

Com o crescimento do seu trabalho, Paulo Freire foi encarregado para desenvolver um Programa Nacional de Analfabetismo e elaborar um Plano Nacional de Alfabetização. “O analfabetismo, que antes era apontado como causa da pobreza e da marginalização, passou a ser, então, interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária” (SOARES, 1996, apud PORCARO, 2007, p. 02).

Diante do Plano de erradicação do Analfabetismo, a educação passou a ser igualitária e de direito a todos que não tiveram oportunidade no ano regular.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização- Mobral criado no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379, quando o governo assumiu o controle da alfabetização de Adultos de 15 a 30 anos. O Mobral foi considerado de muita importância naquela época para os analfabetos e tinha como objetivos gerais

[...] proporcionar alternativa educacional, através de atendimento numa linha de autotaxia, às camadas menos favorecidas da população; e ampliar a atuação do Posto Cultural, imprimindo-lhe características de uma agência de educação permanente, com programas voltados para um aperfeiçoamento constante da população (RANGEL, 2011, p. 14).

De modo geral, também possuía alguns objetivos específicos, são eles:

[...] possibilitar a aquisição/ampliação de conhecimentos, tomando-se como base o Programa de Educação Integrada e o reingresso no sistema regular de ensino; e colocar ao alcance da clientela materiais que despertem e favoreçam o desenvolvimento de mecanismos necessários a uma educação permanente, proporcionando ao alfabetizador, já atuante, aprimoramento profissional (RANGEL, 2011, p. 14).

Segundo Aranha (1996, apud HORIZUTTI, 2009, p. 04) os ensinamentos do Mobral eram praticamente os mesmos adotados por Paulo Freire.

Acreditamos que o “método” de Paulo Freire e o MOBREAL baseiam-se em filosofias e metodologias totalmente opostas - enquanto o primeiro procura partir dos conhecimentos prévios dos alunos, levando em consideração suas experiências de vida, suas particularidades, e a partir destes pontos ocorre o trabalho com os conteúdos de ensino, no segundo, houve uma massificação e imposição dos conteúdos, sem atentar às diferenças regionais e singularidades dos alunos.

O Mobral foi tendo um resultado significativo e foi crescendo cada vez mais. Conforme afirma Niskier (1989, p. 368) quando diz que “Com o passar dos anos, o MOBREAL se expandiu de forma tal que acrescentou outras atividades a seu antigo sistema. A experiência brasileira foi reconhecida pela UNESCO e sua importância realçada”.

Na década de 70, segundo Porcaro (2007), através da Lei n. 5692, de 1971, da LDB, surgiu o supletivo para os jovens e adultos e passou a ser direito de todos os cidadãos. Segundo Jardimino (2014), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende a um público específico que teve o direito à educação negado e que mais tarde retorna às instituições de ensino, buscando concluir sua escolaridade.

Ao longo dos anos, a EJA vem enfrentando diversas dificuldades econômicas, sociais e políticas no país, agravadas também durante esse período pandêmico. Com o surgimento do supletivo, que precedeu a EJA, de acordo com a legislação alegava que a suplência supria o 1º e 2º grau em menor prazo do ensino regular.

Orientada pela secretaria da Educação a formação dos docentes tinha como ênfase a Andragogia que segundo Ludojoski (1972), trata-se de uma ciência que surge com a necessidade no desenvolvimento da educação dos adultos.

Portanto o supletivo, inspirado também nos estudos da Andragogia, trouxe flexibilidade e organização no ensino dos jovens e adultos.

2.2 Formação dos docentes da EJA

Para que essa modalidade seja desenvolvida de modo significativo é necessário a formação continuada dos docentes para saberem lidar conforme as necessidades dos alunos. Durante décadas buscaram-se métodos e práticas adotados que se adaptem ao aprendizado de Jovens e Adultos. Por exemplo, Freire, (1979, p. 72) comenta que:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

Freire (1989, p.13) também relata que:

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be- bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.

Freire (2000) ainda destaca a importância que a atividade de leitura/escrita deve ter como base na interpretação de mundo feita pelo aluno.

Portanto, é necessário que esta atividade de leitura escrita seja dinâmica e realizada com a integração do sujeito no seu mundo social. Esse autor atribui à alfabetização a capacidade de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e da libertação (FREIRE, 2000, p. 09).

Para que essa atividade ocorra, o docente deve ter a sensibilidade de desenvolver uma dinâmica com base nos conhecimentos prévios dos seus alunos, fazendo com que ele seja crítico e liberto sem ser frustrado.

2.3 A EJA em tempos de pandemia

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto brasileiro da pandemia da Covid-19 passa por diversos problemas. O período da pandemia tem gerado inúmeras dificuldades para os alunos adultos, que foram prejudicados tendo que utilizar outros recursos para estudar no novo formato imposto pela conjectura que foram as formas remotas.

Foram séculos de descaso do poder público com a educação evidenciado pela pandemia que expôs as precárias condições físicas (estruturais) e de disponibilidade de recursos tecnológicos mínimos para atender os alunos com o ensino à distância, única forma, no momento, de dar continuidade ao ensino-aprendizagem, evitando assim, a aglomeração de pessoas (MINAS, 2020, p. 100).

No dia 11 de março de 2020, a Covid-19 foi definida como uma pandemia após o coronavírus se espalhar a mais de 100.000 casos em mais de 100 países. Diante desse problema, fomos obrigados a adotar novas medidas como a de distanciamento social, isolamento e até mesmo fechamento de empresas incluindo as escolas, que suspenderam as aulas presenciais.

Para Martins (2020), o contexto pandêmico gerou reflexões e preocupações no campo educacional, tais como: “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante [...]” (p. 251). Entretanto, as dificuldades passaram a crescer com os desafios de se adaptar a uma nova realidade que o cenário da pandemia nos trouxe, afastando os alunos dos docentes e dos seus próprios colegas de sala e optando pela tecnologia digital.

Santos e Santos (2021, p. 7) declaram que:

[...] os estudos sobre o acesso à Tecnologia Digital demonstram que este ainda é incipiente, e nem sempre podemos contar com acesso à infraestrutura para tornar possível a utilização da internet, ou mesmo que a tenha, a qualidade se torna insuficiente para suprir as reuniões de aulas remotas ou envio constante de atividades para professores e demais demandas.

Diante do distanciamento social determinado pela pandemia e que trouxe consequências ruins para os indivíduos no sentido da afetividade, trazemos a fala de Wallon (2008, p.73), que proclama ser:

[...] a afetividade componente fundamental na formação da inteligência de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se as emoções dessa forma, podemos entender que sobre a influência do ambiente, as emoções tendem a realizar, por meio de manifestações intensas, uma ligação entre o indivíduo e a aprendizagem.

Em relação à afetividade no espaço educacional, segundo Ribeiro e Jutras (2006, p.43), “a afetividade contribui para a criação de um clima de compreensão, de confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor que podem trazer benefícios para a aprendizagem escolar.”

Diante desse fracasso escolar, houve uma resignificação na educação, por diversos problemas pessoais como a perda de pessoas, o afastamento e o isolamento que desestruturaram no sistema presencial de ensino.

Essas perdas de entes queridos também impactaram na educação, pois muitos entraram em depressão, chegando a abandonar os estudos, muitos se internaram e saíram prejudicados, perdendo-se o ano letivo e o distanciamento social que também contribuiu com a depressão e entre outros problemas.

Segundo Silva, Neto e Santos, (2020, p.31) “a pandemia resinificou as relações sociais entre as pessoas, pois alargou o distanciamento.” Algumas modificações ocorreram nos comportamentos, nas relações interpessoais e nas formas de aprendizagem que impactaram nas estratégias de ensino.

Essas mudanças afetaram a metodologia de ensino, no desinteresse dos alunos, na relação professor-aluno e o contato com os seus colegas de sala.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme explicado anteriormente foram entrevistados três docentes e três discentes da modalidade EJA em uma escola da rede estadual no município de Itaporanga d´Ajuda-SE. Optando pela privacidade dos entrevistados, ficou identificado os professores como (ISA, IVO e LUA) e os discentes como (BIA, ANA E LARA).

A primeira pergunta para os professores foi qual o maior desafio de lecionar numa turma da EJA? E foram obtidas as seguintes respostas:

- **Isa:** “A frequência irregular dos alunos que dificulta a continuidade dos conteúdos”.
- **Ivo:** “O tempo da aula e o cansaço dos alunos”.
- **Lua:** “A base que os alunos trazem consigo é muito deficiente, além da logística que os mesmos têm durante o dia devido ao trabalho, trazendo como consequência o cansaço e a falta de concentração à noite.”

Diante das respostas apresentadas observamos a dificuldade da realidade dos alunos que interferem na aprendizagem e na frequência diária para que ocorra o processo de ensino aprendizagem.

Di Pierro (2010, p. 35) explica essa dificuldade dos jovens e dos adultos em procurar ou mesmo em frequentar a escola:

[...] os jovens e adultos analfabetos ou com baixa escolaridade não acorrem com maior frequência às escolas públicas porque a busca cotidiana dos meios de subsistência absorve todo seu tempo e energia; seus arranjos de vida são de tal forma precários e instáveis que não se coadunam com a frequência contínua e metódica à escola; a organização da educação escolar é demasiadamente rígida para ser compatibilizada com os modos de vida dos jovens e adultos das camadas populares; os conteúdos veiculados são pouco relevantes e significativos para tornar a frequência escolar atrativa e motivadora para pessoas cuja vida cotidiana já está preenchida por compromissos imperiosos e múltiplas exigências sociais.

Com todo esse desgaste, os alunos acabam se desmotivando a concluir o supletivo, como reforça Brunel (2004, P. 9-10).

[...] os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para sua vida e inserção no mercado de trabalho...Este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, exigindo dos professores uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens.

A segunda pergunta foi qual a sua visão sobre a formação de um aluno na EJA? Obtendo as seguintes respostas:

- **Isa:** “Infelizmente é uma formação precária, pois a não assiduidade, cansaço do trabalho, o emprego, questões familiares e o tempo que estão afastados da escola contribuem para que essa formação apresente algumas insuficiências”.
- **Ivo:** “É uma formação incompleta”.
- **Lua:** “Deficitária. Difícil atender e conciliar uma turma com diferenças diversas no mesmo espaço.”

Diante das respostas foi perceptível que a formação na EJA não é eficaz como no ensino regular.

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil precoce, na luta pela sobrevivência (também vítimas do poder econômico) (SANTOS, 2003, p. 74).

Sabendo disso a formação da EJA acaba não tendo a qualidade necessária, devido a essa diversidade de problemas dos alunos, como cansaço físico e mental da correria do dia a dia.

Oliveira (2007, p. 237) explica que:

[...] por mais que se busque associar os alunos em níveis, séries ou turmas por características semelhantes, tais conjuntos sempre serão formados por uma multiplicidade de sujeitos, em si mesmos múltiplos. Nenhum professor lida em uma mesma sala de aula – e todos conhecem bem isso por experiência própria – com um grupo homogêneo de sujeitos, sejam quais forem os mecanismos de ordenação utilizados. Isso significa que, a despeito de todo o aparato legal e formal do currículo, o trabalho pedagógico sempre se realizará tendo por fundamento essa multiplicidade.

Na terceira pergunta, onde foram questionados se pudessem voltar no tempo escolheriam a EJA novamente para trabalhar e por quê?

Foram obtidas as seguintes respostas:

- **Isa:** “Sim, até agora minha experiência com a EJA foi incrível, uma turma madura, com alunos que sabem o que querem, que apresentam interesse em aprender e reconhece o estudo como importante para ascensão social.

Mesmo os alunos querendo o certificado de conclusão, eles respeitam o professor e são participativos.”

- **Ivo:** “Sim. Porque apesar das dificuldades ainda existem alunos interessados”.
- **Lua:**” Sim, é um público que nos motiva no alcance de aprendizagem e nos desafia a buscar cada vez mais formas e metodologias para esse alcance”.

Com essas satisfações, nota-se que os docentes trabalham em pró da melhor qualidade de ensino, com a oportunidade de abrir caminhos para esses alunos, mostrando possibilidades, mostrando que é possível mudar transformando sua realidade e isso é possível para quem acredita, para quem quer aprender e para quem quer ensinar.

Fonseca (2015, p.37) defende que é fundamental que os professores da EJA:

conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim, cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno, a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação à escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e adultos, principalmente os trabalhadores.

Através disso, o educador deve-se adequar as necessidades dos alunos e observar a sua prática.

A quarta pergunta foi: Em sua opinião qual a maior dificuldade enfrentada na EJA durante a pandemia?

- **Isa:** Não trabalhei com a EJA durante a pandemia, porém devido a alguns problemas estruturais na escola, como falta de água, algumas aulas foram remotas e, eu percebi que os alunos com mais idade têm dificuldades com as tecnologias, com isso não acessavam as atividades e, conseqüentemente, não respondiam e não assistiam vídeos.
- **Ivo:** “As aulas online, muitos alunos não dominavam a tecnologia do seu celular”.
- **Lua:**” A dificuldade dos alunos em se adaptar com as aulas remotas”.

Através das respostas, percebe-se que a referida escola pública foi fechada e não tinha estrutura para dar suporte aos professores e alunos nas aulas remotas. De acordo com Camillo “O ensino híbrido utiliza a tecnologia abrindo novos horizontes

na educação, transformando e buscando melhor o processo de ensino-aprendizagem” (CAMILLO, 2017, p. 65). E para isso a escola precisaria oferecer estrutura e meios tecnológicos para professores, bem como alunos capacitados para o ensino remoto.

A quinta pergunta foi: Na opinião deles o que poderia melhorar no ensino da EJA?

- **Isa:** “A EJA é uma formalidade de ensino normalizada à qual o ensino deveria ser a base de projetos com relação ao dia a dia do estudante para que eles percebam a importância e utilidade do que está sendo ensinado”.
- **Ivo:** “Deveria reformular o currículo”.
- **Lua:** “Os governantes terem um olhar mais diferenciado para o EJA, com mais apoio em materiais didáticos pedagógicos e levando em consideração o público da EJA e suas demandas.

A partir das reflexões durante o processo de elaboração das Diretrizes curriculares da EJA (DCE) para a Educação de Jovens e Adultos,

identificaram-se os eixos cultura, trabalho e tempo como os que deverão articular toda a ação pedagógico-curricular nas escolas. Tais eixos foram definidos tendo em vista a concepção de currículo como um processo de seleção de cultura, bem como pela necessidade de atender o perfil do educando da EJA. (BRASIL, 2005, p.37)

Com as presentes respostas, foi possível identificar então que para ocorrer o ensino-aprendizagem na EJA são necessários recursos que ajudem e facilitem a aprendizagem dos alunos.

3.1 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS COM OS DISCENTES

Para esclarecer melhor a realidade desses alunos, foi aplicado também um questionário com quatro perguntas para três discentes da modalidade EJA.

Iniciou-se perguntando: por qual motivo o aluno precisou parar de estudar e obtemos as seguintes respostas?

- **BIA:** “ Diz que por conta do trabalho teve que abandonar os estudos.”
- **ANA:** “Responde que teve que sustentar a família”.
- **LARA:** “Fala que não tinha tempo”.

Diante disso, sabemos que a evasão na EJA é constante devido as dificuldades desses alunos, como apresentaram as respostas são vários os motivos pessoais para que ocorra esse abandono. Conforme reforçam Batista, Souza e Oliveira (2009, p.9):

O abandono à escola é composto então pela conjugação de várias dimensões que interagem e se conflitam no interior dessa problemática. Dimensões estas de ordem política, econômica, cultural e de caráter social. Dessa maneira, o abandono escolar não pode ser compreendido, analisado de forma isolada. Isto porque, as dimensões socioeconômicas, culturais, educacionais, históricas e sociais entre outras, influenciam na decisão tomada pela pessoa em abandonar a escola.

A segunda pergunta foi: o que te fez retornar à escola?

- **BIA:** “Querida concluir o ensino médio para conseguir um emprego melhor”.
- **ANA:** “Por falta de oportunidade de emprego”.
- **LARA:** “Por não conseguir emprego no mercado de trabalho”.

Para esses alunos, a vontade de mudar de vida e serem inseridos na sociedade são os principais motivos para que voltem e concluam seus estudos e serem inseridos na sociedade. O que também é reforçado por Oliveira (1994, p.96) quando afirma que a escola representa para os alunos:

[...]a possibilidade de melhorar de vida. Alguns vislumbram a continuidade dos estudos após o término do Ensino Médio e os demais procuram no diploma a possibilidade de melhorar a sua situação no emprego. A clareza dessas expectativas se desdobra em estratégias mais concretas para que os estudantes persigam seus objetivos e tenham maior motivação para a permanência na escola.

Prosseguindo na terceira pergunta foi questionado: Em algum momento o aluno já havia sido discriminado por não ter os estudos completos e por quê?

- **BIA:** “Sim, pois me tratavam com indiferença”.
- **ANA:** “Sim, porque me tinham como preguiçoso”.
- **LARA:** “Sim, porque quando chego em uma entrevista sou tratado com indiferença”.

As respostas foram bastante semelhantes mostrando que devido à falta de oportunidades e dificuldades variadas esses alunos acabaram sendo discriminados por não terem conseguido concluir o ensino médio e assim não foram inseridos no mercado de trabalho. Itani (1998 apud AQUINO, 1998, p. 120) afirma que:

A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social [...] e é fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar e, por vezes, de caráter elitista. A vivência do preconceito pode ser notada pela prática da diferença, que é muito presente no cotidiano brasileiro.

A quarta pergunta foi: qual a maior dificuldade na modalidade EJA em tempos de pandemia?

- **BIA:** “ Não ter acesso a internet”.
- **ANA:** “ Não saber mexer com aparelhos tecnológicos”.
- **LARA:** “ Não tinha celular”.

Devido a pandemia detectou-se pelas respostas, que as dificuldades tecnológicas dificultaram a vida desses alunos, por não terem recursos ou não saberem fazer uso dos aparelhos acabaram se prejudicando nos estudos.

Segundo Oliveira (2001 p.62):

O uso da informática na educação exige em especial um esforço constante do educador para transformar a simples utilização do computador numa abordagem educacional que favoreça efetivamente o processo de conhecimento do aluno. Dessa forma, a interação com os objetos de aprendizagem, o desenvolvimento de seu pensamento hipotético e dedutivo, de sua capacidade de interpretação e análise da realidade tornam-se privilegiados e a emergência de novas estratégias cognitivas do sujeito é viabilizada.

Acredita-se então que os alunos da EJA procuram esta modalidade de ensino com o objetivo de melhorar a qualidade de vida no sentido de se alfabetizarem e assim conseguirem melhores condições de trabalho e que infelizmente aumentou a evasão escolar como afirma Becker; Barretos & Ghisleni:

Compreendido os desafios em pauta pela migração ao ensino presencial, adentramos no presente tópico e analisamos o outro panorama “educação em tempos de pandemia” [...] as possibilidades surgidas através dos multiformatos das Tecnologias da Informação e da Comunicação - [...] um porquê dos docentes em se apropriarem destas ferramentas como aliadas para diversificar o ensino e combater às taxas de evasão nos modelos não presenciais conquistando a motivação dos alunos. (2021, p.304).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que atualmente vem passando por um avanço facilitando aos alunos que não tiveram oportunidade devido as suas dificuldades, diversidades e histórias de vida pudessem alcançar suas metas e conquistas. Porém ainda se trata de uma modalidade de ensino na qual os alunos necessitam de um tempo maior de adaptação tanto em relação aos recursos como aos conteúdos pedagógicos.

Sob uma perspectiva docente, o professor deve ser preparado para atuar nessa modalidade, tendo o curso de graduação e uma formação continuada específica.

A pandemia trouxe ainda mais dificuldades tecnológicas para esse público, morador de zonas rurais, devido à falta de preparo, de equipamentos e de acesso à internet o que contribuiu também para o abandono e/ou evasão.

Através desse estudo, foi apresentado o que é a EJA, a sua história, quais seus percalços em tempos de pandemia e a importância da formação continuada dos docentes. Através de um estudo de caso foram identificadas as dificuldades diárias para promover a Alfabetização na pandemia e o destaque para o preconceito ainda existente. Foi possível observar também a satisfação dos docentes em trabalhar com a EJA, tendo consciência das dificuldades dos alunos, e fazendo sempre o seu melhor para evitar que ocorram casos de desistência.

Nas entrevistas com os alunos foi percebido o interesse de entrar no mercado de trabalho, vontade de serem inseridos na sociedade, pois não tiveram a oportunidade quando jovens por questões financeiras e de trabalho infantil.

Contudo, a aprendizagem dessa modalidade, na instituição analisada, não foi satisfatória causando uma maior evasão por não conseguirem se adaptar à nova modalidade digital.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. (Coord.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

Becker, T. S. Barretos, C. H. C., Ghisleni, E. S. (2021). Educação em tempos de pandemia: **a migração do ensino para o formato não presencial como um cenário de desafios e possibilidades**. *Disciplinarum Scientia: Série: Ciências Humanas*. 21, 297-311.

BRASIL, **9.394/96, art. 37, Lei de Diretrizes e Base da Educação**. <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+37+da+lei+de+diretrizes+e+bases++lei+9394%2F96>_Acesso em 08.jul.2022.

BRASIL, **Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968**. Art. 4.o da Lei n.o 5.379, de 15 de dezembro de 1967 da Lei de Diretrizes e Base.

BRASIL, **Lei nº 5.379, MOBREAL 1967- Movimento Brasileiro de Alfabetização**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5379.htm_ Acesso em 09.jul.2022.

BRASIL, **Diretrizes Curricular da Educação de Jovens e Adultos (DCE/EJA)**, 2005.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CAMILLO, C. M. Blended Learning: uma proposta para o Ensino Híbrido. **Revista: EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 5, n. 7, Dourados, MS, 2017.

DI PIERRO, Maria Clara. Balanço e desafios das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. In: SOARES, Leôncio et al. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. ENDIPE, 15. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONSECA, Solange Gomes da. **Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. **Pedagogia Online**. 2015. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1234#.VjNH_NKrTMz. Acesso em 09.jul.2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 43 a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 39.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

HORIGUTI, Angela Curcio. **Do Mobral ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas**. 2009. Bento Gonçalves, 2009. Disponível em: http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf. Acesso em: 20 julho 2022

JARDILINO, José Rubens Lima. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LUDOJOSKI, R. **Andragogia ou educacion del adulto**. Buenos Aires: Guadalupe, 1972.

MARTINS, Ronei Ximenes. **A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio**. Revista de Educação a Distância, Porto Alegre, v.7, n. 1, p.242,256,2020. Acesso em: 25 abr. 2022.

MINAS, E. A. A resignificação da prática docente em tempos de covid-19 no centro estadual de educação de jovens e adultos de Caraguatatuba (CEEJA). **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo v.6,n.11,p.14,2020. Disponível:<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>.

NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

OLIVEIRA, Maria José Cassiano de **TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ALUNOS TRABALHADORES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO**: o significado da volta à escola. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

OLIVEIRA, J. M. S.; SOUZA, A. M.; BATISTA, S. D, A evasão escolar no ensino médio: um estudo de caso. **Revista Profissão Docente**. Uberaba, v. 9, n.19, 2009.

OLIVEIRA, Celina Couto de. **Ambientes informatizados de aprendizagem**: produção e avaliação de software educativos. Campinas, Editora Papyrus, 2001.

OLIVEIRA, Marta Khol de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: UNESCO. **Educação como exercício de diversidade**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, ANPED, 2007.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de Jovens e adultos no Brasil**. 2007. Acesso em: 20 mar. 2022.
Disponível em: www.dpe.ufv.br/nead/docs/ejaBrasil.doc.

RANGEL, Elba Alonso. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil**: problema estrutural para o desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro, 2011.
Disponível em:
[file:///C:/Users/Windows%20Seven/Downloads/Jovens%20e%20Adultos%20pouco%20escolarizados%20no%20Brasil%20-%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Windows%20Seven/Downloads/Jovens%20e%20Adultos%20pouco%20escolarizados%20no%20Brasil%20-%20(2).pdf)
Acesso em: 10.ago.2022.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France: Representações sociais de professores sobre afetividade. **Revista Estudos de Psicologia**, n. 23, v.1, jan/mar de 2006. p.39-45.

SANTOS, M. L. L. **Educação de jovens e adultos**: marcas da violência na produção poética. Passo Fundo: UPF. 2003.

SANTOS, Igor Tairone Ramos dos; SANTOS, Arlete Ramos dos. Tecnologia e ensino remoto no contexto da educação do campo. **Humanidades e Inovação**, Palmas, p. 1-26, maio 2021.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NETO, Jerônimo Gregório da Silva; SANTOS, Marilde Chaves dos. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico – RELAEC**. v. 01, n.04 Jul./Ago. 2020.
Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/>
Acessado em: 08.abr.2022.

WALLON, Henri. O desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 4, jul/dez. 2008

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO-

Eu, Franciele de Jesus Santos, acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) MsC. Carla Daniela Kohn, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: desafios e perspectivas em tempos de pandemia**, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

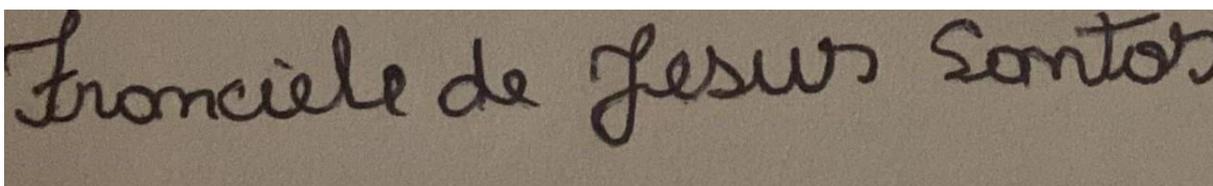
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 09/11/2022



Assinatura da aluna concluinte